



Publicado em 27/04/2024 - 08:35

Idosos LGBTQIA+ encontram acolhimento na internet: 'Também temos direito de ser felizes'

Vídeos com relatos sobre a vivência LGBTQIA+ na melhor idade viralizam no TikTok.

Por Fernanda Giacomassi, g1 — São Paulo

Ana Carolina Apocalypse é uma influenciadora digital de 66 anos com mais de 150 mil seguidores no perfil do TikTok. Na rede social, ela relata sua experiência como uma mulher transgênero idosa. Segundo ela, a internet mudou tudo.

"A cada vídeo que publicava, eu recebia uma interação tão linda das pessoas que me motivava a continuar", diz.

A carreira digital de Ana Carolina começou após um vídeo sobre sua transição tardia viralizar, em 2020. Desde então, publica regularmente conteúdos do seu dia a dia e fala sobre conscientização e visibilidade trans.

Nos comentários das publicações a influenciadora, é fácil encontrar mensagens de apoio e incentivo: "Você se tornou uma figura materna para mim, te adoro, diva", diz um seguidor. "Sua simpatia é tanta que parece que te conheço a anos!", escreve outro.

"Essa visibilidade que a rede dá é muito importante para provar que nós somos capazes, que nós LGBTs também temos o direito de ser felizes", afirma. "Não é porque a gente já atingiu uma certa idade na nossa vida que já passou o tempo de ser feliz."

A história da Ana Carolina é uma das retratadas na série "LGBT+60: Corpos que resistem", de Yuri Alves Fernandes, jornalista especializado em diversidade. Aos 30 anos, ele começou a se questionar sobre seu futuro como um homem gay. Publicado no veículo Projeto #Colabora, a iniciativa viralizou no TikTok e já possui mais de 4,2 milhões de visualizações.

"Sinto que o fato de as pessoas LGBTQ+ não terem muita representatividade na velhice cria um abismo entre nosso presente e o futuro. Se a gente não consegue se ver na terceira idade, como vamos imaginá-la? Ou até mesmo acreditar que vamos chegar lá, sobretudo para pessoas trans que têm expectativa de vida muito baixa no Brasil?", diz Fernandes ao g1.

Outro personagem do projeto é Márcio Guerra. Aos 62 anos, o jornalista adotou uma criança de 12 anos junto de seu companheiro, à época com 50 anos.

Ao g1, Márcio conta que, depois da série, recebeu mensagens de casais LGBTQIA+ mais velhos que tinham desistido de tentar adotar. "Acredito que nossa experiência ajuda a quebrar alguns tabus. Fico feliz que nossa história tenha tido esse impacto.

Para o idealizador do projeto, Yuri Fernandes, o sucesso dos vídeos nas redes é um reflexo de uma maior aceitação por histórias sobre diversidade. "Fico ainda mais feliz em ver os resultados: sinal de que muitas pessoas de novas gerações estão tendo acesso à história da comunidade LGBTQ+ e podem agora reconhecer quem lutou e ainda luta pelos nossos direitos."

Inspiração de fora

Fora do Brasil, outros influenciadores LGBTQIA+ também viralizaram no TikTok mostrando suas rotinas com ativismo e bom humor.

É o caso do The Old Gays, perfil dos Estados Unidos comandado por um grupo de homens gays idosos que se tornou um fenômeno na plataforma de vídeos, com mais de 11 milhões de seguidores.

Ajuda e suporte

Um estudo publicado em 2023 por pesquisadores do Hospital Israelita Albert Einstein, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de São Caetano do Sul mostrou que pessoas com mais de 50 anos que pertencem à comunidade LGBTQIA+ têm atendimento de saúde pior do que a parcela de mesma faixa etária que não faz parte desse grupo.

Para além da dificuldade que muitos podem ter enfrentado ao lidar com a sexualidade quando jovens por conta da época, idosos LGBTQIA+ ainda hoje

convivem com tabus e preconceito.

“A comunidade LBGTQIA+ idosa é formada por pessoas oriundas de uma realidade muito diferente da de hoje, e que já sofreu questões muito sérias de homofobia. Além disso, sofre com a rejeição em atendimentos de saúde por conta de sua identidade”, diz ao Luis Baron, presidente da Associação EternamenteSou, ONG de São Paulo que atende pessoas LBGTQIA+ acima dos 60 anos e pessoas trans e travestis acima dos 40 anos em situação de vulnerabilidade social.

“O etarismo e a LGBTfobia andam de mão dadas.”

Em funcionamento desde 2018, a organização atua distribuindo cestas básicas, encaminhando os idosos para centros de saúde e promovendo eventos de sociabilização para este grupo. Para Luis, projetos para a ampliação da visibilidade deste grupo são essenciais para a garantia de direitos e de uma vida mais digna para a comunidade.

"Existe um apagamento da questão da sexualidade nas pessoas idosas. As pessoas chegam aos 60 anos e não se fala mais nisso. Ela é destituída dessa característica. Mas existe, sim, sexualidade divergente e é importante que a gente conheça essas histórias."

<https://g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2024/04/27/idosos-lgbtqia-encontram-acolhimento-na-internet-tambem-temos-direito-de-ser-felizes.ghtml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal G1

Seção: Pop & Arte